

# Carnaval de Latas: Um Estudo Fotoetnográfico Sobre o Bloco da Latinha da Comunidade de Madre de Deus na Bahia

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.12>

**Louyse Gerardo de Medeiros**

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal

<https://orcid.org/0000-0003-2701-2952>

[louysegerardo@outlook.com](mailto:louysegerardo@outlook.com)

## Resumo

O carnaval é uma festividade com longo lastro histórico e realizada em diversos contextos socioculturais. Na sua análise, dois eixos interpretativos são fundamentais: por um lado, respeita a um tempo intervalo, de diversão e inversão; por outro, é um fenómeno que, uma vez lido a partir das práticas e da história das comunidades, é também um eixo de realização e consolidação identitária. Por isso, é essencial no seu estudo considerar as vertentes culturais, sociais, económicas e políticas. Assumindo este pressuposto, buscamos descrever o processo de composição do Bloco da Latinha, enquanto manifestação cultural e social da cidade de Madre de Deus, na Bahia, Brasil. O estudo parte de uma abordagem qualitativa que comportou um processo de recolha fotoetnografia na referida comunidade. Da análise, concluímos que o Bloco da Latinha é, mais do que uma festividade, um fenómeno com dimensões sociais, ao expressar visões do mundo e posicionamentos sociopolíticos, designadamente quanto a práticas de sustentabilidade ambiental. Igualmente, a participação do Bloco da Latinha no carnaval de Madre de Deus evidencia processos de valorização social simbólica, os quais podem ser lidos à luz da perspectiva teórica que sublinha a inversão das hierarquias sociais nos festejos carnavalescos.

## Palavras-Chave

Bloco da Latinha, carnaval, Madre de Deus, fotoetnografia, fotografia, sustentabilidade

## Introdução

Embora o tema das festividades não seja novidade no campo de interesse das ciências sociais, este é um tema de estudo muito diverso e dinâmico. As festas de carnaval, em particular, têm sido objeto recorrente de reflexões teóricas e estudos empíricos e continuam a revelar-se como terreno fértil de pesquisa, uma vez que, nas mais diversas sociedades, continuam a ser de grande importância no calendário festivo e a mobilizar as comunidades na sua realização.

Recorrendo a Bakhtin (1965/1987), podemos afirmar que o carnaval é uma festa consolidada historicamente, com características que se expressam recorrentemente, mesmo em culturas muito diversas. As origens do carnaval podem ser situadas na Grécia, em festas dionisíacas dedicadas ao Deus do Vinho, e conhecidas pela embriaguez e entrega aos prazeres da carne. Também em Roma ocorriam festejos que duravam dias, servidos de muita fartura de comida, bebida e danças. Um dos traços mais relevantes das festas carnavalescas são os comportamentos de excesso e as manifestações de inversão social temporária.

O carnaval, apesar de constituir um fenômeno que nos remete para sentimentos de diversão e leveza, não pode ser analisado sem considerarmos os contextos culturais, sociais, econômicos e políticos em que se realizam as festas. Desde logo, qualquer análise que se limite aos dias festivos é insuficiente e parcial, porque tão importante quanto o que acontece nesses momentos é toda a organização e preparação de que se ocupam as comunidades, por vezes durante todo o ano. De acordo com Cavalcanti (1998), as festas, “das mais tradicionais às mais modernas, deitam raízes profundas na vida dos grupos que as promovem” (p. 297).

Diante disto, algumas das mais importantes proposições teóricas sobre o carnaval incidem nas ideias da inversão e da válvula de escape (Daun e Lorena, 2019). De acordo com Bakhtin (1965/1987), no carnaval ocorre, até certo ponto, a suspensão de hierarquias, normas, privilégios e proibições, celebrando a libertação temporária da ordem estabelecida. Deste ponto de vista, o carnaval seria um tempo de inversão programada entre posições dominantes e dominadas na estrutura social. Entretanto, esta visão abre caminho a uma concepção aparentemente antagônica, que percebe no carnaval um potencial de manutenção da estrutura social em vigência, atuando, assim, como instrumento de limitação, e não de mudanças, ou seja, o carnaval funcionaria como válvula de escape da ordem estabelecida, das relações de poder e das hierarquias. Relativamente a tal teoria, Daun e Lorena (2019) afirma que “servindo para a expressão e o alívio de tensões e opressões, o carnaval, seria por fim, um intervalo inconsequente e acabaria por legitimar e manter a ordem social vigente, confirmando os agrilhoamentos e as hierarquias existentes” (p. 54).

## Carnaval no Brasil

As festividades carnavalescas ganharam peso e forma no Brasil, evoluindo por caminhos próprios e passando a fazer parte da identidade cultural do país de maneira

marcante. De acordo com DaMatta (1997), no Brasil, o carnaval é “um momento em que as regras, rotinas e procedimentos são modificados, reinando a livre expressão dos sentimentos e das emoções, quando todos se podem manifestar individualmente” (p. 167).

O carnaval, então, proporciona uma ruptura do cotidiano, ativa em seus participantes uma nova percepção de mundo. Esta festa popular é capaz de suspender a rotina de todo o país, abrir espaço para momentos de comunhão entre classes e raças e quebrar temporariamente convenções sociais, mesmo que apenas no espaço-tempo delimitado dos festejos. Para tal, a rotina *diurna* é convertida em um movimento *noturno* – e quanto a isso, pode-se tomar como exemplo os desfiles das escolas de samba e os bailes que ocorrem nos clubes; os centros das cidades deixam de ser locais de atividades comerciais, tornando-se cenários dos festejos; e as avenidas retiram os carros, a fim de cederem lugar aos foliões. Cabe ainda destacar a capacidade dos blocos de resgatar o bairrismo, entreaajuda e sentido de união da vizinhança, algo deixado de lado no cotidiano moderno. Conforme apontado pelo autor, “os blocos entrecortam distinções de família, cor, posição educacional ou ocupacional para unir todos os seus componentes numa mesma ‘tribo’ ou ‘bloco’” (DaMatta, 1997, p.128). Dessa forma, estariam os blocos mais voltados para o centro de suas comunidades, preocupados com os valores das mesmas e agregando foliões que partilham de seus princípios e convicções.

No Brasil, as fantasias também surgem como mecanismos de efetivar inversões. A vestimenta, que, por vezes, em situações rotineiras, serve como modo de firmar uma posição social, torna-se um instrumento capaz de desencadear um redimensionamento de estatuto e comportamento, permitindo que sejam adotados temas e papéis sociais não aceitos no cotidiano. Da mesma maneira, ampliam-se possibilidades para que questões deixadas à margem de debates ganhem foco e relevância. A escolha da roupa ou a opção pela falta dela surge como libertação do corpo e dos movimentos. É deixado de lado o pudor excessivo imposto no dia-a-dia pelas convenções sociais, abrindo campo para uma reconfiguração da ordem social e das ações individuais.

## Metodologia

O estudo que aqui se apresenta incide sobre uma manifestação carnavalesca que acontece na cidade de Madre de Deus, no estado brasileiro da Bahia. Foram utilizados métodos associados a uma abordagem qualitativa, através da fotoetnografia e da antropologia visual, tendo por base descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos observados na preparação dos festejos e durante o desfile do bloco, no período de 2017 a 2018. O enfoque etnográfico veio da necessidade de imergir na cultura dos integrantes do Bloco da Latinha para uma melhor compreensão do fenômeno. A abordagem etnográfica, para Magnani (2009), compreende uma verdadeira relação de troca, em que o pesquisador entra em contato com um novo universo e sai com novos entendimentos. A sua principal característica seria que o etnógrafo participa na vida diária das pessoas ao longo de um período de tempo, observando o que acontece, reunindo todos os dados disponíveis para conhecer, compreender e interpretar o objeto estudado (Atkinson&Hammersley, 1983/2004, p.15).

Esta opção de pesquisa se deve à necessidade de coletar e registrar dados localmente sobre o Bloco da Latinha. Estes dados são específicos daquele micro universo e não se encontram em documentos. Neste caso, a pesquisa descritiva observa, registra e analisa os fatos e suas variáveis sem manipulá-los, procurando assim correlacionar situações e aspectos do comportamento humano com a maior precisão possível (Cervo et al., 2007).

A fotografia é um dos meios que utilizamos nesse trabalho e ela possui um papel importante na pesquisa etnográfica, tornando-se uma ferramenta relevante na investigação cultural, da qual foram pioneiros os antropólogos Margaret Mead e Gregory Bateson (Andrade, 2002). O uso da fotografia funciona como complemento no momento de descrever a pesquisa realizada. Segundo Pollak (1989, como citado em Andrade, 2002), “através das imagens, podemos aproximar mais as lembranças e as sensações daquilo que vivemos e estamos vivendo... e de fácil assimilação” (p. 70). Utilizamos o método da fotoetnografia (termo utilizado por Luiz Eduardo Robinson Achutti, em 1997, na sua dissertação *Fotoetnografia: Um Estudo de Antropologia Visual Sobre Cotidiano, Lixo e Trabalho*) definindo esta abordagem como uma forma de narrativa etnográfica. Segundo Achutti (1997, p.38), a aplicação da técnica fotográfica auxilia na coleta dos dados, facilitando a entrada no campo e promovendo o desencadeamento de diálogos, além de um complemento ao texto dissertativo. Através das imagens é possível documentar costumes, práticas, espaços da cultura de um determinado grupo, contando assim uma história, compondo uma narrativa fotográfica. Vale ressaltar que, antes de se tornar uma narrativa, a fotografia é descritiva, podendo ser analisada por si só e pelo que representa. Isso porque uma fotografia mostra o fato muito próximo do que é a realidade, o que transporta o observador para uma realidade na qual ele não está inserido. Fotografias feitas com o olhar treinado pela antropologia são fruto de uma adequada entrada no campo e, devidamente contextualizadas podem, de forma isolada, constituir bons planos descritivos, e quando agrupadas em sequência podem compor eficientes elaborações narrativas (Achutti, 1997, p. 77).

## O Bloco da Latinha de Madre de Deus

O Bloco da Latinha é um bloco de carnaval formado por amigos e familiares, todos moradores da cidade de Madre de Deus, uma ilha na Baía de Todos os Santos, no estado baiano do nordeste brasileiro. O bloco nasceu em 1996, com o intuito de catar as latas espalhadas pelo chão durante o carnaval, pois estas sujavam as ruas da cidade. No começo, o bloco foi intitulado “Cata Lata”, uma vez que as latas eram recolhidas durante as festividades, limpas e recicladas. O resultado desse trabalho revertia como doação para o hospital do câncer Aristides Maltez, em Salvador. Esse hospital foi escolhido pelo fato de que o presidente e fundador do bloco, Aloísio, trabalhava nesse estabelecimento na época em que surgiu a ideia de catar as latas e fazer as doações.

O bloco “Cata lata” tornou-se popular entre os moradores de Madre de Deus e, logo nos seus primeiros anos, segundo Aloísio e Ednailton, as pessoas já esperavam pelo



bloco nos dias de carnaval. Mais tarde passou a ser um bloco com carro de apoio aos integrantes durante os desfiles e obtiveram autorização da prefeitura para competir no desfile oficial da cidade. Com essa popularidade, aproveitavam para utilizar as latas como acessório durante os desfiles de carnaval, pendurando as latas em suas roupas para a fantasia ficar mais atraente e chamar atenção durante o desfile. Assim, as pessoas que estivessem na rua poderiam, em vez de jogar as latas no chão, oferecê-las aos integrantes do bloco no seu percurso pelas ruas. Aloísio se recorda que o volume de latas aumentava a cada desfile que faziam, e que já era preciso que um caminhão auxiliasse na recolha. Esse formato criado pelo bloco, de recolha desses materiais recicláveis, foi reconhecido pela Câmara Municipal de Madre de Deus e o atual vereador, na época, enviou um comunicado por escrito parabenizando o bloco pela iniciativa, por ser um bloco que recicla e limpa a cidade.

Segundo Aloísio, anos depois da criação do bloco, surgiu a dificuldade de encontrar as latas pelo chão da cidade durante as festividades, pois a profissão de catador de material reciclável foi regularizada, profissão que consiste em catar materiais pela rua nos centros urbanos e levá-los para centros de reciclagem, recebendo um salário, de acordo com o peso e a quantidade de material recolhido. Essa regularização foi

**Figura 1**  
Pierrot.  
Créditos. Louyse Gerardo  
de Medeiros

boa para a cidade, pois diminuiu significativamente a sujeira das ruas. Mas para o bloco foi um fator de mudança, porque não seria mais possível realizar um bloco somente destinado a catar latas que não existiam já em grande quantidade. Todavia, isso não impediu o bloco de continuar.

Quinze anos após a criação do bloco, em 2011, foi transformado no “Bloco da Latinha”. O presidente do bloco desde então, Aloísio, teve a ideia de juntar as latas e costurá-las em um macacão para formar uma fantasia. Edval, um dos integrantes dessa época, abraçou a ideia e foi o primeiro a transformar um macacão numa fantasia de lata da cabeça aos pés. Nesse ano, saíram nove pessoas vestidas de “enlatados”, nome com que se denominam por estarem vestidos da cabeça aos pés utilizando

*“A cada ano a máscara é de uma cor diferente, não existe um padrão”*

*Louyse Gerardo de Medeiros*



**Figura 2**

Enlatado.

*Créditos. Louyse Gerardo de Medeiros*



latas. Porém, diferentemente de hoje, a confecção da fantasia tinha falhas e as latas caíam durante o percurso. O macacão era costurado com arame, encontrado nos fios de telefone, amarrado no tecido e passado entre as latas. O modelo não difere muito do atual. Porém, materiais diferentes possibilitam agora que a latinha não caia. Atualmente, a fantasia de lata, chamada por eles de “pierrô”, é completamente preenchida por latas (Figura 1).

Com esse novo formato de fantasia no bloco, os integrantes decidiram que, para unificar e padronizar o grupo, todos teriam que usar máscara (Figura 2). A cada ano a máscara é de uma cor diferente, não existe um padrão. Quem produz as máscaras é Cícero e a sua esposa, também moradores de Madre de Deus.

Hoje participam do Bloco da Latinha, em média, 20 pessoas, podendo variar a cada carnaval. Segundo Ednailton, a organização tem como um dos principais objetivos manter as origens e propagar a mensagem do bloco durante o carnaval, na cidade de Madre de Deus, mostrando nos desfiles que as pessoas podem se divertir sem deixar de lado o meio ambiente, ao criar fantasias sustentáveis e que são criativas. O grupo também tem como objetivo propagar sua mensagem não só na cidade de origem, mas em outras cidades e para gerações futuras. A este respeito podem mencionar-se as três apresentações realizadas fora de Madre de Deus: a primeira

**Figura 3**  
Barracão.  
Créditos. Louyse Gerardo  
de Medeiros

no Rio de Janeiro, em um programa de televisão nacional, e a segunda e a terceira no pré-carnaval em Salvador. Estas apresentações contribuíram para o aumento da popularidade do bloco. Assim, 1 ano após essa aparição na televisão, o número de integrantes cresceu, e pessoas de outras cidades e estados foram a Madre de Deus somente para assistir ao bloco desfilando na avenida.

O local em que os integrantes se encontram é designado de “recanto dos pescadores”, em Madre de Deus, um local destinado aos pescadores da cidade, onde fazem a limpeza de peixe, entre outras atividades. Como se tratava de um espaço já usado por eles nas suas atividades profissionais, foi tornado a sede do Bloco da Latinha (Figura 3).

Ao longo do ano não são frequentes os encontros relacionados especificamente com bloco. Com a aproximação do período do carnaval voltam a reunir-se os integrantes para organizarem a participação nos festejos. A preparação da fantasia tem início por volta de dezembro do ano anterior ao desfile. Cada integrante é responsável por conseguir as latas para seus respectivos “pierrôs” e a produção acontece em suas próprias casas ou na sede do bloco. Porém, quando próximo ao carnaval, todos os integrantes se ajudam na sede do bloco; quem não sabe fazer o macacão, tem a opção de aprender com os outros membros ou pagar para algum deles fazer, ou seja, saber fazer o macacão não é requisito para desfilar. Importa ressaltar que há sempre pessoas dispostas a ajudar e colaborar de alguma forma, seja trazendo mais pessoas, seja cozinhando, organizando materiais, entre outras atividades, para que não falem latas e fantasias e para que o bloco “saia bonito”. Uma equipe de apoio, amigos ou familiares próximos, oferece ajuda antes, durante e após o desfile. Esses integrantes

*"Uma equipe de apoio, amigos ou familiares próximos, oferece ajuda antes, durante e após o desfile"*

Louyse Gerardo de Medeiros



**Figura 4**

Apoio.  
Créditos. Louyse Gerardo de Medeiros



do apoio entregam água, ajudam a encontrar os melhores caminhos e organizam o trânsito, arrumam as fantasias, latas que caem e o que mais for preciso (Figura 4).

O percurso do bloco não respeita o circuito oficial do carnaval de Madre de Deus, antes consiste em andar pela ilha de acordo com o previsto pelos integrantes, com uma média de duração de 6 horas. Entre descanso e caminhada, o percurso do bloco ultrapassa os 10 km. A ideia é que, andando por ruas fora do circuito, pessoas que não podem se deslocar até ao centro, como idosos ou pessoas impossibilitadas de sair de casa, tenham a oportunidade de assistir à passagem do bloco. Assim, de acordo com Ednailton, integrante do bloco, a mensagem e alegria são levadas para todos, sem distinção.

Ao fim do carnaval, todos os integrantes do bloco se juntam novamente para decidir acerca do destino das doações das latas. Por regra, a cada ano as instituições beneficiárias são diferentes. Debatem também como foi o carnaval, o que poderia ter sido melhor e o que inovar para o ano seguinte.

## Reflexões Finais

Diante do que foi analisado, podemos dizer que o carnaval de Madre de Deus está diretamente ligado com os valores e princípios da comunidade, uma vez que a festividade se expande para além dela mesma em campos pessoais e familiares. O carnaval em Madre de Deus tem a capacidade de unir os vizinhos, gerando um senso de comunidade, em prol de uma causa, falada e planejada no decorrer do ano, o que acarreta no estreitamento de laços, não só entre os participantes dos blocos de carnaval, mas entre os moradores da cidade. São blocos que estão desfilando há muitos anos, passando por várias gerações, e que visam o bem maior da comunidade, direta e indiretamente, atentos a questões ambientais, sociais, artísticas, entre outras. Isso faz com que a identidade dessas comunidades seja afirmada e reafirmada, ano após ano de festividade. Assim, como vimos em DaMatta (1997), os blocos de carnaval surgem para a população festejar e cantar, mas por detrás disso existe toda uma estrutura organizacional para que a festa aconteça, contradizendo o que o senso comum diz sobre ser uma festa “cheia de bagunça”.

O carnaval traz justamente esse senso de pertencimento para as pessoas em Madre de Deus, de se sentirem aceites como são e poderem se expressar da forma que mais lhes convém nos dias de carnaval. Muitos dos blocos da cidade realizam atividades que beneficiam a comunidade como um todo, porque, segundo os moradores entrevistados ao longo da pesquisa, não é somente uma festa, não é somente uma fantasia, mas sim uma família que ali está sendo representada e se unindo para se divertir com consciência de que aquela arte pode servir para algo maior. Podemos dizer, então, que o carnaval em Madre de Deus se configura como festa de comunhão e igualdade (DaMatta, 1997), diversamente dos carnavais em grandes cidades, marcados por diferenças hierárquicas, onde a festa não é feita para todos e crescentemente exclui a comunidade residente devido aos preços exorbitantes para assistir ao desfile ou participar de algum bloco (Daun e Lorena, 2019).

A festividade faz com que memórias sejam construídas, através das referências e lembranças próprias do grupo, sejam elas dos blocos de carnavais ou dos moradores da cidade. As memórias individuais estão, portanto, entrelaçadas na memória coletiva (Halbwachs, 1952/2004). Esse sentimento de pertencimento e criação de memórias ocorre com o Bloco da Latinha, muito vezes, no barracão onde se encontram para os preparativos, pois é um lugar de interação e colaboração, não só entre os membros do grupo, mas com as pessoas que passam e se interessam pelo processo de construção das fantasias. Todo esse processo se constitui no coletivo, a partir do momento em que estão limpando as latas até à preparação da fantasia final e ao ensino dessas técnicas para novos membros.

Além desse sentimento de pertença e comunhão, encontramos no Bloco da Latinha, durante o carnaval, o sentimento de valorização individual e coletiva. Esta é uma das motivações que fazem o bloco continuar, ao longo dos anos, a produção para o carnaval. Durante os dias de desfile do Bloco da Latinha, ao final da jornada, assim que chegam ao barracão para tirar suas fantasias, os integrantes ficam ainda inebriados por terem encontrado naquele dia de carnaval o reconhecimento, carinho e atenção de quem assiste ao desfile do bloco. Podemos relacionar este fenômeno com uma das teorias sobre o carnaval, a teoria da inversão. No contexto do Bloco da Latinha é uma inversão do reconhecimento, pois geralmente esses grupos e essas pessoas não são reconhecidos e valorizados fora da festividade. No contexto do carnaval, ocorre uma valorização simbólica por vestirem fantasias de materiais reciclados e que se exprime pelo facto de numerosas pessoas pararem para fotografar, conversar com os integrantes, mostrando interesse no trabalho deles e valorizando essas pessoas de um modo totalmente diferente do que acontece fora do tempo da festividade, dada a sua condição sócioeconómica.

Um momento que representa bem essa inversão e a valorização simbólica foi o convite para o bloco aparecer num programa de televisão em rede nacional. A comunidade e os integrantes do bloco ficaram eufóricos e excitados com a oportunidade de representar o grupo para o país inteiro, sendo tratados como “reis”, com equipe de ajudantes para produção dos macacões novos. Essa experiência permitiu-lhes aceder a uma outra realidade, como estadia em hotel e comida diferente do que estavam habituados, distante do cotidiano destas pessoas. No resto do ano as suas vidas continuam como habitualmente e estas pessoas voltam a ser socialmente invisíveis.

O período do carnaval intensifica as relações nos grupos que se organizam para festejar, propiciando a interação e participação mesmo de pessoas que não participam diretamente nos desfiles. Enquanto estive em Madre de Deus, pude perceber que a ajuda vinha de vários membros da comunidade, amigos, vizinhos, pequenos comércios, todos com o mesmo objetivo de conseguir fazer com que a festa aconteça e que o ritual se repita ano após ano.

Além dos fatores acima descritos, o Bloco da Latinha existe também por causa da reciclagem e da sustentabilidade, pela ação que é feita ao longo do ano de catar latas para produzir as fantasias do bloco e que constitui em si uma ação sustentável e

que escapa da lógica mercantil através da arte. No caso específico da reciclagem das latas de alumínio, traz inúmeros benefícios como a economia de energia e recursos materiais, a diminuição da contaminação das águas superficiais e subterrâneas e, por sua vez, a saúde das pessoas e dos animais.

De acordo com as entrevistas realizadas ao longo da pesquisa com moradores locais, existe um reconhecimento do trabalho que foi feito pelos integrantes do bloco ao longo dos anos, desde o surgimento do “Cata Lata”, nomeadamente o fato do bloco se importar com questões ambientais e alertar a população sobre reciclagem e sustentabilidade. A partir do olhar da comunidade, enxergamos um bloco unido e orientado para a sua cidade e para que se desenvolva de forma sustentável, juntando o dever cívico com a diversão e a arte.

## Referências

- Achutti, L. E. R. (1997). *Fotoetnografia: Um estudo de antropologia visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho*. Palmarinca.
- Andrade, R. (2002). *Fotografia e antropologia: Olhares fora-dentro*. Estação Liberdade.
- Atkinson, P., & Hammersley, M. (2004). *Etnografia. Métodos de investigación* (J. L. T. Alvarez, Trad.). Diehl; Paidós. (Trabalho original publicado em 1983)
- Bakhtin, M. A. (1987). *A cultura popular na idade média e no renascimento: O contexto de François Rabelais* (Y. F. Vieira, Trad.). HUCITEC. (Trabalho original publicado em 1965)
- Cavalcanti, M. L. (1998). As grandes festas: Um olhar sobre a cultura brasileira. In M. Souza & F. Weffort (Eds.), *Um olhar sobre a cultura brasileira* (pp. 293–311). FUNART; Ministério da Cultura.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., & Silva, R. (2007). *Metodologia científica*. Pearson Prentice Hall.
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rocco.
- Daun e Lorena, C. (2019). Subsídios para a análise da festa: O carnaval visto pelas ciências sociais. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6(2), 51-67. <https://doi.org/10.21814/rlec.2110>
- Halbwachs, M. (2004). *Los marcos sociales de la memoria* (M. Mújica, Trad.). Anthropos. (Trabalho original publicado em 1952)
- Magnani, J. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129–156. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>
- Scott, J. C. (1990). *Domination and the arts of resistance. Hidden transcripts*. Yale University Press.